

Texto para análise

- ▶ Leia com atenção o poema abaixo para responder às questões de 1 a 3.

Texto 1

Versos de orgulho

No poema, Florbela Espanca revela algumas das características que a definiram como uma mulher de perspectivas muito avançadas para o seu tempo.

O mundo quer-me mal porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princesa entre plebeus
Numa torre de orgulho e de desdém.

Porque o meu Reino fica para além...
Porque trago no olhar os vastos céus
E os **oiros** e clarões são todos meus!
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu Amor?
— O jardim dos meus versos todo em flor...
A **seara** dos teus beijos, pão bendito...

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
— São os teus braços dentro dos meus braços,
Via Láctea fechando o Infinito.

ESPANCA, Florbela. Livro de mágoas. In: FARRA, Maria Lúcia Dal (Org.). *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 210.

• **Oiros**: ouros.

• **Seara**: terra cultivada.



1. Embora tenha escrito durante o modernismo português, Florbela Espanca revela influências, no conteúdo e na forma, que a associam às estéticas do fim do século XIX. Em termos formais, como se estrutura o poema acima?

- A forma escolhida para o poema pode ser vista como algo que afasta a poesia de Florbela da estética modernista? Por quê?

2. O eu lírico do poema é feminino. Como isso é marcado no texto?

- Qual é o sentimento expresso pelo eu lírico nas duas primeiras estrofes?
3. Como o eu lírico define seu mundo?
4. Leia um trecho de um texto escrito por Florbela para uma revista portuguesa intitulada *A mulher* (1913).

Texto 2

Mulheres da minha terra! Gatas Borracheiras com o cérebro vazio, que esperam, sentadas à lareira e com estremecimentos mórbidos, a hipotética aparição do príncipe encantado; [...] bonecas de luxo, vestidas como as senhoras de Paris e com a inteligência toda absorvida na decifração das modas, incapazes de outro interesse ou de outra compreensão! [...] Povos mulheres da minha terra!

ESPANCA, Florbela. *Florbela: um caso feminino e poético*. In: FARRA, Maria Lúcia Dal (Org., int. e notas). *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. XXXVIII.

- a) O que esse trecho permite concluir a respeito da opinião de Florbela sobre o comportamento das mulheres no início do século XX?
- b) O aspecto inovador do poema é marcado pelo fato de a postura do eu lírico ser totalmente oposta ao comportamento criticado por Florbela. Explique.
5. Os versos finais podem ser lidos como expressão de um desejo de fusão entre os amantes como símbolo da realização plena. Explique.
- Essa imagem final pode ser vista como condescendente em relação à postura libertária assumida pelo eu lírico feminino?
- ▶ Leia com atenção o poema a seguir para responder às questões de 6 a 8.

Texto 3

O poeta morto

Neste soneto, o eu lírico reflete sobre a morte de um poeta.

Barbearam-no e vestiram-no de preto,
Calçaram-lhe sapatos de verniz.
Moscas varejas chupam-lhe o nariz,
E ele mantém-se pálido e correcto.

Cheira a cera no quarto, já repleto
Do que há de mais distinto no país:
... Um general, dois **lentes**, um juiz...
Com ar triste, imbecil, grave e discreto.

Logo, os críticos sérios e carecas
Folhearão no pó das bibliotecas
Um livro caluniado enquanto vivo

Esse a quem chamam hoje ilustre e **augusto**
Porque... porque ele, agora, é inofensivo
Como qualquer estampa ou qualquer busto!

RÉGIO, José. In: BERARDINELLI, Cleonice (Sel. e org.).
Antologia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 89.

6. Esse poema pode ser dividido em duas partes: os dois quartetos e os dois tercetos. O que o eu lírico descreve na primeira parte?
 - E o que ele destaca na segunda?
7. É possível afirmar que essas duas partes se opõem e revelam a hipocrisia da sociedade? Explique.
8. A partir da análise dos dois tercetos, é possível depreender uma certa visão de poesia presente no poema. Qual seria essa visão? Explique.

Moscas varejas: moscas-varejeiras.

Lentes: professores universitários.

Augusto: que merece respeito, importante.

PALAVRA DE MESTRE: A TRADIÇÃO DA CRÍTICA

Paulista de Batatais, é crítico literário, ensaísta, romancista e professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Publicou o volume sobre *Simbolismo e Modernismo* na coleção *A literatura portuguesa em perspectiva*, pela editora Atlas.

Álvaro Cardoso
Gomes (1944-).



Na apresentação que faz do fenômeno poético Fernando Pessoa, o professor Álvaro Cardoso Gomes chama atenção para a importância dos heterônimos no olhar do autor para o mundo em que vivia.

[...] Poeta da modernidade, dedicou-se quase integralmente à produção de uma obra de grande qualidade que chama a atenção, sobretudo, pela criação dos heterônimos, máscaras a que ele deu vida, personalidade própria. [...] A experiência pessoana com os heterônimos, complexas edificações intelectuais e/ou ficcionais, constituiria [...] pontos de vista pessoalíssimos da realidade fragmentária e movente; mais que isso, constituiria como que visões concentradas e arquetípicas do mundo, de modo a permitir que o sujeito único, no caso, a matriz Fernando Pessoa, pudesse compreendê-la da maneira mais amplificada possível.

GOMES, Álvaro Cardoso. *Orfismo. A literatura portuguesa em perspectiva: Simbolismo e Modernismo*. São Paulo: Atlas, 1994. p. 123-124. (Fragmento).

Reflexão final

Levando em conta o que aprendeu sobre Fernando Pessoa e sobre seus heterônimos, escreva um **comentário crítico** em que você explique a relação entre os seguintes pontos levantados por Álvaro Cardoso Gomes:

- Os heterônimos de Fernando Pessoa são “máscaras a que ele deu vida, personalidade própria”.
- Os heterônimos permitem que Fernando Pessoa compreenda de modo mais abrangente a “realidade fragmentária e movente”.

Antes de escrever o seu texto, releia os poemas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos reproduzidos neste capítulo (e também os disponíveis em *Material complementar — Primeiras leituras*).

...uma transcrição.

Texto para análise – p. 552

1. O poema é um soneto (forma fixa com 14 versos organizados em 2 quartetos e 2 tercetos), composto em versos decassílabos que apresentam um esquema de rimas interpoladas (ABBA ABBA CCD EED).
 - Sim, porque uma das características da estética modernista é a liberdade formal. Como Florbela escreve seus poemas não só na forma fixa do soneto, mas também com grande rigor na manutenção da métrica e das rimas, afasta-se das inovações formais modernistas.
2. No terceiro verso, a expressão “Princesa entre plebeus” indica que o eu lírico é feminino.
 - O sentimento que marca as duas primeiras estrofes é o de incompreensão. Em linhas gerais, essas estrofes caracterizam alguém muito diferente das outras pessoas, vivendo em uma torre de orgulho e de desdém.
3. Segundo o poema, o mundo pode ser definido pelos encontros que a mulher descrita no soneto tem com seu amante: “O mundo! O que é o mundo, ó meu Amor? / — O jardim dos meus versos todo em flor... / A seara dos teus beijos, pão bendito...”.
4. a) Nesse trecho, Florbela revela sua irritação com a submissão feminina às vontades masculinas. Acha inaceitável que uma mulher se interesse somente pela moda e passe a vida esperando a chegada de seu “príncipe encantado”.
b) A mulher do soneto lido adota uma postura completamente oposta à criticada por Florbela ao definir-se como uma princesa, que traz no olhar “os vastos céus”, que tem “os oiros e cláres”. Na segunda estrofe, afirma ser “Alguém”, ter uma personalidade definida, saber o que quer, não se submeter às convenções sociais.

Professor: se achar conveniente, pedir aos alunos que releiam as duas últimas estrofes e explicar que também a maneira arrebatada como o eu lírico expressa seus sentimentos é bastante moderna, pois, no início do século XX, não era comum uma mulher se expressar como nessas estrofes.
5. No terceto final, revela-se o desejo da mulher de “fundir-se” com o amado (“São os teus braços dentro dos meus braços, / Via Láctea fechando o Infinito”), como uma forma de expansão absoluta do sentimento amoroso. O encontro entre a “Via Láctea” (mulher) e o Infinito (homem) representa, nesse soneto, a culminância da realização amorosa que já se anunciava, na estrofe anterior, como medida de felicidade para essa mulher (“O jardim dos meus versos todo em flor... / A seara dos teus beijos, pão bendito...”)
 - Não. Nessa perspectiva, homem e mulher são iguais. Se houver uma tendência, é a de

apresentar a mulher, já caracterizada como uma princesa de um reino que não é deste mundo, como quem absorverá o homem, já que ela é a Via Láctea e ele, o Infinito.

6. O eu lírico descreve o velório do poeta, destacando o aspecto do cadáver, o local onde o corpo é velado e a aparência daqueles que estão presentes. O morto está vestido de preto, calça sapatos de verniz e está pálido e "correcto", a despeito das moscas que voam à sua volta. O quarto cheira a vela e está repleto de pessoas importantes com ar grave e discreto.
 - Nos dois tercetos, o eu lírico passa a tratar da mudança que será desencadeada pela morte do poeta: ele deixará de representar uma ameaça e passará a ser visto como alguém "ilustre e augusto". Críticos folhearão o livro de sua autoria que fora caluniado quando o poeta ainda estava vivo, já que, depois da morte, seu autor não representará mais um incômodo: será alguém inofensivo.
7. Sim. A oposição entre os dois quartetos e os dois tercetos demonstra a hipocrisia daqueles que velam o poeta morto. Enquanto o poeta estava vivo, sua obra foi caluniada; depois de morto, ele não representa mais uma ameaça e é velado por pessoas ilustres que apresentam um ar grave e triste que não condiz, provavelmente, com o tratamento que dispensavam a ele em vida. A cena, nesse caso, revela a hipocrisia de uma sociedade que passa a tratar o poeta com respeito apenas depois de sua morte, quando ele se tornou inofensivo.
8. Os dois tercetos permitem depreender que o poeta é aquele que incomoda os poderosos (no poema, simbolizados pelas figuras "distintas" que estão no velório e também pelos críticos), sendo oprimido pela sociedade por representar uma ameaça através de sua obra (como se percebe no segundo terceto). Pode-se inferir, então, que a poesia seria uma forma de liberdade, de denúncia e de ruptura com as regras sociais. Por isso, quando o poeta era vivo, sua obra foi caluniada. Depois de morto, ele não representa mais uma ameaça.

Palavra de mestre: a tradição da crítica – p. 553

Ao corrigir os comentários produzidos ou discutir com os alunos o que se espera do desenvolvimento desta proposta, o professor deve verificar se eles compreenderam, em primeiro lugar, o que é o fenômeno da heteronímia em Fernando Pessoa. Essa é a condição para que eles possam entender a afirmação de Álvaro Cardoso Gomes sobre os heterônimos serem "máscaras vivas". O que está em questão, aqui, é o fato de cada um deles (consideraremos somente os principais neste comentário) apresentar personalidade própria. Assim, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro "personificam" diferentes olhares para o mundo e para a realidade.

Em Álvaro de Campos, Fernando Pessoa encontra o homem da modernidade, inspirado e afetado pelas transformações que marcam o início do século XX na Europa. A professora Cleonice Berardinelli afirma que "Álvaro de Campos é o divã de Fernando Pessoa". O que ela quer dizer é que, nos poemas desse heterônimo, encontramos as expressões mais entusiasmadas e desiludidas a respeito da realidade. É através dele, também, que vêm à tona os sentimentos mais passionais:

.....
Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência,
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
O centro para onde tendem as estranhas forças
[centrífugas
Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.
[...]

PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 340. (Fragmento).

.....
Alberto Caeiro recebeu, de Pessoa, a função de "mestre". A ele cabem os poemas que questionam a percepção da realidade turvada pelo excesso de sentimentos. Nesse sentido, Caeiro é o heterônimo que procura encontrar a verdadeira expressão da realidade, justamente por negar que haja nela qualquer transcendência: as coisas são o que são. Ou, como ele mesmo escreveu:

.....
O espelho reflete certo; não erra porque não pensa.
Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

PESSOA, Fernando. Poemas completos de Alberto Caeiro.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 173.

.....
Ricardo Reis recebeu o olhar dos clássicos para a realidade. Assim, volta-se para a Natureza como expressão de equilíbrio e de sabedoria. Para ele, precisamos aprender a aceitar a nossa natureza e tudo o que dela decorre:

.....
Domina ou cala. Não te percas, dando
Aquilo que não tens.
Que vale o César que serias? Goza
Bastar-te o pouco que és.
Melhor te acolhe a vil choupana dada
Que o palácio devido.

PESSOA, Fernando. Odes de Ricardo Reis.
In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 220.

O resultado dessa experiência heteronímica é, para Fernando Pessoa, a possibilidade de multiplicar pontos de vista e experiências. Por essa razão, Álvaro Cardoso Gomes afirma que os heterônimos são condição para que o poeta compreenda a “realidade fragmentária e movente” em que vive.